

**“VÁ LÁ E FAÇA!”: A RÁDIO UNIVERSITÁRIA 107,9 FM EM SEUS
PRIMEIROS ANOS DE FUNCIONAMENTO**

Débora Maria Moura Medeiros¹

Márcia Vidal Nunes²

RESUMO

A Rádio Universitária 107,9 FM possui caráter educativo e está vinculada à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, operando a partir da UFC. A pesquisa da qual resulta este artigo é a primeira etapa de um trabalho historiográfico que abrangerá os 26 anos de funcionamento da emissora, através do método de história oral, ou seja, entrevistas com reitores, diretores, funcionários, colaboradores e bolsistas que participem ou tenham participado da rotina da instituição. As próximas páginas contêm um relato das articulações anteriores à criação da Rádio e dos dois primeiros anos de funcionamento, além da discussão sobre identidade institucional que permeará todo o trabalho e que interage, nesta etapa, com o conceito de rádios educativas, para compreender suas peculiaridades, inclusive na formação de quadros profissionais, e a relação desse tipo de emissora com o poder.

Palavras-Chave: História oral; Identidade institucional; Comunicação; Rádio Universitária.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca esclarecer a maneira como as articulações que viabilizaram a criação da Rádio Universitária interagiram com o contexto político nacional. De que maneira foi possível convencer os militares a permitir que a Universidade Federal do Ceará sediasse uma emissora que, logo em seus primeiros anos de funcionamento, ficaria conhecida pela abertura que proporcionava aos mais diversos segmentos políticos e setores da sociedade, para que difundissem suas idéias?

¹ Estudante de Graduação no 5º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFC, email: debmedeiros@gmail.com.

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da UFC, email: marciavn@hotmail.com.

Como a Universidade Federal do Ceará, apesar das dificuldades financeiras que enfrentava, pôde apoiar o projeto? De que forma ele foi recebido pela comunidade acadêmica? Que participação na execução do projeto tiveram as diversas categorias que a compõem – estudantes, servidores e professores?

Um dado interessante levantado já no início da pesquisa foi a permanência na emissora de muitos profissionais que começaram a integrá-la ainda como estudantes, na função de bolsistas. Por que essas pessoas continuam trabalhando na Rádio Universitária até hoje? De que maneira as metas pessoais de cada uma delas interagiram com o projeto inicial concebido pelos fundadores?

Na busca por responder a estas e tantas outras questões, peculiares aos diversos períodos que a emissora atravessou, utiliza-se o conceito de identidade institucional, desenvolvido ao longo do artigo.

IDENTIDADE INSTITUCIONAL: TESSITURA DE IDENTIDADES

A fragmentação da identidade do indivíduo é resultado das configurações históricas e sociais que deram origem à pós-modernidade, quando mudanças estruturais e institucionais puseram em xeque as noções estabelecidas e, com elas, a sensação de pertencimento do sujeito às estruturas e instituições. Para Stuart Hall, um dos maiores teóricos da identidade fragmentada, não só somos pós-modernos, como “‘pós’ relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade – algo que, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos” (HALL, 2002, p. 10). Ao invés disso, “dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas” (HALL, 2002, p. 13) e assumimos identidades diferentes para configurações diferentes.

Por essa perspectiva, a coesão das sociedades, bem como das instituições que as integram, só seria possível através da articulação entre os sujeitos fragmentados, quando suas convicções e histórias pessoais encontram um ponto de intersecção, para formar algo novo e coletivo. É nesse momento que surgem as identidades institucionais, que podem ser tidas como “histórias cruzadas, resultados transitórios de processos de identificação. Escondem negociações de sentido, choques de temporalidade em constante processo de transformação” (PENTEADO, 1998, p. 22).

Assim como o indivíduo, antes da Pós-Modernidade, era visto como dono de uma identidade estanque e isenta de contradições, as instituições, por muito tempo, foram consideradas órgãos com metas unificadas, em que todos se punham a serviço das concepções de uma liderança arbitrária, sem questionamentos ou ações em sentidos divergentes. No entanto, iniciativas individuais também fazem parte da identidade institucional:

Em uma perspectiva da organização da entidade, o racionalismo, que visa à maximização dos resultados, assume que os membros partilham valores e metas. Quando se tem uma visão dinâmica da organização, são as atividades, as estratégias e as relações que proporcionam o ponto de partida para a análise, evidenciando que os projetos dos membros de uma organização podem ser múltiplos. (PENTEADO, 1998, p. 49)

Estudar a identidade institucional de um meio de comunicação como a Rádio Universitária é uma tentativa de compreender a que ponto as atitudes dos seus profissionais definem a linha editorial, a relação com os ouvintes e com as fontes, além da postura diante das instâncias de poder, sejam elas internas, como a Reitoria e a Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), sejam externas, como o governo, nas instâncias municipal, estadual e federal. Ao mesmo tempo, procura-se verificar a influência da identidade institucional sobre as trajetórias individuais, seu papel na formação profissional e na definição de projetos pessoais.

DO PAPEL ÀS ONDAS DO RÁDIO

A Rádio Universitária entrou no ar, em caráter experimental, no dia 21 de setembro de 1981, Dia do Rádio e do Radialista. Entretanto, as articulações que viabilizaram o projeto aconteciam, pelo menos, desde o segundo semestre letivo de 1979, quando foi realizado o Seminário Geral da Universidade Federal do Ceará, com o tema “Uma tentativa de administração solidária”.

Implantado de maneira progressiva, através de campanhas de sensibilização e reuniões preliminares nos departamentos e centros acadêmicos, o Seminário Geral tinha como meta restabelecer a gestão participativa na UFC, “permitindo campo para a exercitação do jogo democrático não-oficial” (UFC, 1981, p. 8) quando a reabertura política da ditadura militar havia apenas começado. Os dilemas financeiros, estruturais e didáticos da universidade deviam ser debatidos por todos os seus segmentos, que também poderiam lançar soluções e novos projetos. O professor Marcondes Rosa de

Sousa, assessor do reitor Paulo Elpídio de Menezes Neto à época, assinala a demanda que, exteriorizada no seminário, se concretizaria na Rádio Universitária dois anos mais tarde:

O que todo mundo disse é que a universidade não podia ficar nos jardins medievais. A Universidade tinha que fazer da sua extensão um laço de diálogo em dupla-mão – isso aqui foi dito nesse Seminário – com a sociedade. Foi na época em que o Brasil todo estava pensando nos projetos com as periferias urbanas, com o meio rural... Aí, eu disse o seguinte: “Nós precisamos de um canal que seja forte para esse diálogo em dupla-mão: dizer pra sociedade valores, mas também ouvir de lá pra cá. Que a ciência não fosse uma coisa que os príncipes colocassem lá, nem a educação, mas que o saber popular também estava gerando conhecimento”. Então, conversa vai, conversa vem, a gente chegou à conclusão de que um dos mecanismos maiores seria uma rádio. (Marcondes Rosa de Sousa, depoimento concedido em 17/03/2008)

De acordo com Pérez (2008), o rádio é tido como um meio de comunicação de massa peculiar. Ao mesmo tempo em que transmite uma mesma mensagem a todos os seus receptores, também consegue tornar essa mensagem pessoal, graças a características técnicas, como a portabilidade dos rádios de pilha, e à maneira como sua audição pode ser conciliada com o cotidiano do ouvinte.

Como projeto de extensão para uma universidade que almejava aprofundar seu vínculo com a sociedade, então, a idéia, que partiu do professor Rodger de Rogério, era um meio com muitas potencialidades. Para o professor de Ciências Políticas Paulo Elpídio de Menezes Neto, que havia acabado de assumir a Reitoria, a criação da emissora também representou uma chance de deixar um marco de sua gestão como reitor, apesar das contingências financeiras.

Como nós vivíamos um período de crise, as restrições financeiras para as universidades públicas federais eram muito grandes e nos restou esse exercício de politização interna, de proporcionar à comunidade universitária e mesmo ao público da cidade algumas especulações sobre coisas que as rádios não tocavam – e nem os jornais sequer. Questões literárias, entrevistas com escritores, até mesmo no plano político, mas não no plano político partidário, de discutir as alianças do governo, mas de discutir os programas de governo – e isso a Rádio fez bastante, com muita insistência, com muita competência, dentro das suas limitações. (Paulo Elpídio de Menezes Neto, depoimento concedido em 24/03/2008)

A universidade possuía um canal AM que poderia ser implantado. Porém, o grupo formado pelos professores Marcondes Rosa, Rodger de Rogério, Clóvis Catunda, B. de Paiva e Eusélio Oliveira, remanescentes do núcleo de discussão iniciado no Seminário Geral que resultaria na Rádio Universitária, planejava uma programação que se chocava com o que a legislação da época entendia por usos válidos para uma AM

universitária. De acordo com o professor Rodger de Rogério, do Departamento de Física, foi nesse momento que o Governo do Estado demonstrou apoio à iniciativa da UFC, enfrentando atritos internos e desistindo de um projeto semelhante que havia sido lançado através da Secretaria de Cultura quase na mesma época:

O canal que a universidade tinha era um canal AM, então o Ministério da Educação exigia que fossem dados cursos para o 1º e 2º graus, o que a gente viu que não era a nossa vocação. Então, soubemos que o estado tinha um canal FM. Na época, o governador era o Virgílio [Távora]. A gente propôs uma troca e ele aceitou. Ainda hoje, então, o estado tem essa rádio, que não acionou ainda, e nós ficamos com um canal FM, que não precisaria ter, na sua programação, aulas formais. Era a educação informal o que a gente pretendia e assim foi feito. (Rodger de Rogério, depoimento concedido em 22/03/2008)

Por educação informal pode-se compreender, segundo Pérez, uma programação “que incide en aspectos relacionados con la motivación, la información de servicio público, la modificación de conductas, la divulgación de cuestiones de interés social” (PÉREZ, 11/03/2008, p. 6).

O Regimento da emissora foi elaborado em 7 de outubro de 1980, para dar suporte legal a essas intenções. O texto é deliberadamente confuso, porém dentro dos padrões jurídicos, de modo a facilitar a negociação com o Governo Federal e conseguir mais autonomia na realização do projeto. Marcondes Rosa, que detinha mais conhecimentos em Direito e comandou a redação, esclarece: “Nós driblamos todo mundo, certo? Quer dizer, em lei, eu notei o seguinte: você tem que magnificar as coisas grandes e negociar as pequenas. (...) Aquilo que era consenso, a gente colocava e, depois, as partes pequenas deixava pra negociar” (Marcondes Rosa de Sousa, depoimento concedido em 17/03/2008).

Diante da proibição de uma universidade federal controlar uma emissora de rádio, o Regimento vinculava a Rádio Universitária à Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura (FCPC), órgão de caráter privado criado em 1977 para captar recursos e financiar projetos da universidade. Além disso, o documento deliberava sobre a criação de um Conselho Diretor, que seria composto por representantes de diversas universidades, dissipando de vez a suspeita de que a UFC seria a única instituição a fazer uso da Rádio.

O Conselho se reuniu apenas duas vezes ao longo da história da emissora. Na prática, a diretoria ficou a cargo de Marcondes Rosa, Rodger de Rogério e Clóvis Catunda, oficialmente, o primeiro diretor executivo da emissora.

A gente chamava de diretor executivo, diretor de cultura e diretor de educação. Eu seria o diretor de cultura, que tratava da programação da Rádio propriamente, o Marcondes foi o diretor de educação. E, aí, ele cuidava mais em colocar no ar um pouco do pensamento da Rádio e isso se refletia nos debates que tinha na programação. (Rodger de Rogério, depoimento concedido em 22/03/2008)

A divisão de atribuições se adequava às aptidões de cada um. Clóvis Catunda, professor que havia feito uma experiência pioneira com aulas televisionadas no Departamento de Física da UFC, tinha prática e interesse na implantação de projetos de radiodifusão educativa. Rodger de Rogério regressava de um período de docência na Universidade de São Paulo (USP), durante o qual também havia acompanhado o Pessoal do Ceará, grupo que integrava, juntamente com artistas como Teti, Ednardo, Belchior, Fagner, Brandão, Amelinha, Petrúcio Maia e Fausto Nilo. A experiência o inseriu não só no meio musical cearense como no nacional, o que facilitaria o contato com as dezenas de artistas que visitaram a Rádio ainda em seus primeiros anos. Marcondes Rosa, como professor do Departamento de Letras, lidava com questões da educação em seu cotidiano, além de conhecer os bastidores da política, o que o habilitava a articular discussões radiofônicas sobre o assunto.

O envolvimento com a política também tornou Marcondes Rosa o interlocutor natural junto ao governo. Quando ele apresentou o projeto ao Governo Federal, o intelectual baiano Eduardo Portella estava à frente da pasta de Educação e Cultura. Segundo o professor, o ministro “tinha se encantado com uma universidade se infiltrando na sociedade por um mecanismo não convencional, que era uma rádio” (Marcondes Rosa de Sousa, depoimento concedido em 17/03/2008) e deu seu aval para a criação da emissora. O governo militar, no entanto, determinou que Eusélio Oliveira e B. de Paiva, ambos conhecidos por sua militância na esquerda, se afastassem do projeto. Pouco depois, devido a crises internas que se somaram à sua origem política também de esquerda, Portella foi destituído e, em seu lugar, o general Rubem Ludwig foi nomeado ministro da Educação e Cultura. O novo ministro “se entusiasmou pela Rádio e, ao invés de mandar parar, ele fez questão de vir para o lançamento” (Marcondes Rosa de Sousa, depoimento concedido em 17/03/2008).

A inauguração da Rádio Universitária 107,9 FM ocorreu em outra data emblemática: 15 de outubro de 1981, Dia do Professor.

No dia da inauguração, eu tava lá. Foi até no auditório Castello Branco [Auditório da Reitoria]. Quem leu a abertura foi o Everardo Sobreira, o locutor. Tava o reitor, tava o representante do presidente, tava o Edson Queiroz, tava o Jorge Amado. Vieram muitos convidados. Eu ficava só olhando de longe, nas brechinhas. Entre as caixas de som, tinha umas brechinhas, e eu ficava lá. Foi à noite, a inauguração, teve um coquetel. (Antônio Carlos Lima, depoimento concedido em 22/03/2008)

O evento foi transmitido ao vivo do Auditório da Reitoria e contou com segurança reforçada, devido à possibilidade de ocorrer um protesto organizado por estudantes.

O diálogo nem sempre harmonioso com o poder também foi constitutivo da identidade institucional, que começou a se formar antes mesmo de a Rádio existir de fato, ao mesmo tempo em que tornou essa existência algo mais próximo do concreto.

A construção da identidade institucional integra efeitos contraditórios: estruturas, sistemas de legitimação e práticas de poder são incorporados, num sentido que se ajusta ao da dominação social global; projetos individuais e coletivos são mobilizados, dando sentido às trajetórias institucionais. (PENTEADO, 1998, p. 108)

Além das negociações em nível externo, a emissora enfrentou conflitos no interior da universidade que delinearam sua identidade institucional.

DA GENTILÂNDIA À REITORIA

A narrativa acima pode dar a impressão de que as negociações iniciais para viabilizar a Rádio eram de conhecimento geral à época. No entanto, segundo Paulo Elpídio, desde o início houve um cuidado para conduzi-las sem alarde:

Nós estávamos ainda no último governo militar. Eu tinha medo de que, se a coisa se espalhasse, que a Rádio ia ser concedida para a Universidade Federal... Ora, a Universidade Federal tinha fama de antro de subversivos. E eu disse: “Essa gente [os apoiadores do regime] vai encontrar um meio de impedir isso”. Nós tínhamos conseguido demover o Virgílio [Távora], mas os grupos militares na cidade, que apoiavam a revolução, eram muito fortes. Dentro da própria universidade, havia muitos professores ligados à revolução. Houve episódios lamentáveis de denúncias na universidade, de professor contra professor. Enfim, são coisas que são até um pouco tristes de lembrar, mas que ocorreram. Então, mantivemos o projeto em sigilo até quando veio a autorização. (Paulo Elpídio de Menezes Neto, depoimento concedido em 24/03/2008)

Eventualmente, a notícia da implantação da Rádio Universitária alcançou a comunidade acadêmica e, nesse primeiro momento, angariou opositores.

A comunidade universitária não aceitou bem a Rádio imediatamente. Eu me lembro de colegas da Física que disseram que não gostaram, que eu estava “metido” nessa história de uma rádio pra universidade. O próprio professor Martins Filho [primeiro reitor da UFC], ele também não ficou satisfeito com o fato de o [reitor] Paulo Elpídio montar uma rádio na universidade. Ele achava que rádio não era coisa pra universidade. Um certo preconceito, eu acho, com o popular, porque o rádio realmente é uma coisa muito popular, tanto quanto ou até mais que a televisão. Teve isso. A Academia, de certa forma, teve uma resposta negativa com relação à Rádio. (Rodger de Rogério, depoimento concedido em 22/03/2008)

O curso de Comunicação Social se manifestou particularmente contrário à iniciativa, por entender que a emissora deveria servir como rádio-laboratório para o departamento, no que discordava da Reitoria.

Eu resisti, não porque eu julgasse que não caberia o curso de Comunicação ter uma rádio-laboratório, mas porque era um canal com um objetivo mais amplo, não era só um laboratório. Era uma rádio. A primeira rádio cultural do Ceará, uma FM não comercial. (...) Queria que a Rádio, inclusive, fosse instalada no curso de Comunicação Social e dirigida por alunos e professores. (Paulo Elpídio de Menezes Neto, depoimento concedido em 24/03/2008)

O estabelecimento da emissora na Reitoria, em um corredor anteriormente ocupado por setores administrativos que foram transferidos para o campus do Pici, tinha como intenção evitar ainda mais conflitos e reforçar o controle por parte da administração da universidade.

Me diziam o seguinte: “Olha, rádio é como lâmpada: de repente, tem formiga voando em torno, enche de inseto e tal”. Uma comparação, uma figura. E, de fato, a Rádio atrai e atraiu as figuras mais interessantes, intelectuais, estudantes, hippies, que havia muitos naquela época. (...) Durante o período em que fui reitor, a Rádio gozou de plena liberdade. Naturalmente, dentro dos padrões que a universidade estabelecia para uma rádio de natureza cultural. (Paulo Elpídio de Menezes Neto, depoimento concedido em 24/03/2008)

O prédio não era a sede pretendida pelos diretores, mas a convivência no mesmo espaço de dois projetos tão díspares quanto o de uma rádio e o de um centro burocrático gerou inovações para ambos.

Eu queria que a Rádio fosse fora da Reitoria, do prédio da Reitoria. Eu queria que a Rádio fosse onde é hoje, que, na época, era o Projeto Rondon, ou então numa casa de estudantes que tinha ali na esquina da pracinha da Gentilândia. Eu lembro que o Paulo Elpídio disse: “Eu não quero mexer nem com os estudantes nem com os militares, os coronéis. Então, deixa aqui dentro, porque dá um certo status pra Rádio e ninguém vai reclamar”. E assim foi feito. Mas era um problema, porque eu achava que a Reitoria era um palácio e, pra abrigar uma rádio... Uma rádio é uma coisa popular. A Reitoria exige um certo vestuário que a Rádio não exigiria. Bom, foi feito assim e aconteceram algumas coisas interessantes. O João do Valle, por exemplo, pra entrar na Rádio, o Paulo Elpídio teve que descer e dizer que ele podia entrar sem sapato, porque ele estava descalço. Foi numa programação que a gente fez pra Concha Acústica e o João do Valle

foi a estrela do espetáculo. Outra coisa: a Concha Acústica tava desativada há anos e a Rádio conseguiu ativá-la. (Rodger de Rogério, depoimento concedido em 22/03/2008)

Petrúcio Maia, Miúcha, David Duarte, Calé Alencar, Têti, Moreira da Silva, Fábio Júnior, Gonzaguinha, Dominginhos, Marinês e Moraes Moreira estão entre os muitos artistas que visitaram a emissora já durante seus primeiros anos. Dessa e de outras formas, a atividade da Rádio deixava de ter como único fim a transmissão de mensagens e passava a interagir com a rotina da universidade, “en un proceso participativo de creación y distribución de información conducente a una comprensión recíproca, un acuerdo solidário y una acción transformadora emprendida en común, donde el componente protagonista deja de ser el mensaje para pasar a ser la información” (PÉREZ, 11/03/2008, p. 7) e as relações humanas que a permeiam.

APRENDIZADO NA INFORMALIDADE

A Rádio Universitária entrou em funcionamento em condições precárias, devido à escassez de verbas. Rodger de Rogério, ao recordar aquela época, liga a situação vivida em 1981 ao slogan adotado pela emissora desde então:

Tem um conceito na Física, que é o conceito de amplificação: quando dois sistemas vibram em frequências iguais, essa vibração se amplifica. Então, a idéia era o quê? Se a gente conseguir sintonizar a população, a Rádio vai ecoar isso. (...) Quando dois sistemas vibram na mesma frequência, a intensidade da vibração vai aumentar indefinidamente e vai se sustentar mesmo que tenha – e é até bom que tenha – forças contrárias, porque senão ela estoura: vai amplificando, amplificando, acaba perdendo a força, até que se exaure. Mas, se tem forças contrárias, ela consegue uma amplitude de vibração grande por conta disso. Daí aquele slogan que a gente usou, que é “a sintonia da terra”, a frequência da terra, dessa terra aqui, desse veículo aqui. De certa forma, aconteceu isso, porque a Rádio funcionava não sei como! (risos) (Rodger de Rogério, depoimento concedido em 24/03/2008)

A solução que a diretoria encontrou para contornar as adversidades foram as iniciativas informais. Elas não se enquadravam totalmente nos trâmites legais, cuja lentidão as emperraria, mas também não tinham caráter ilegal. Marcondes Rosa narra como, dentro desse espírito de informalidade, os equipamentos foram adquiridos:

Quando o Eduardo Portella autorizou, ele mandou o dinheiro. O dinheiro ficou aí, e a gente não ia esperar que eles fossem aprovar tudo... Aí, conversando com o Zé Roberto [da empresa Dois Irmãos], ele disse: “Tem um jeito, Marcondes. Vamos pra Zona Franca [de Manaus], comprar no contrabando”. Os melhores equipamentos na época, negócio de rolo, cabecote pra agulha, tudo foi comprado na Zona Franca. E mais barato, que nós não tínhamos dinheiro. (Marcondes Rosa de Sousa, depoimento concedido em 17/03/2008)

Para operar os aparelhos, foram contratados os técnicos de áudio Eduardo Coqueiro, Antônio Carlos Gomes, Assis Lima e Pedro Manuares. A chefia do departamento técnico da emissora ficou a cargo de Paulo Roberto Frazão, profissional experiente que já havia trabalhado na gravadora RCA Victor (atual BMG) e era tido por muitos como um verdadeiro artista da sonoplastia. Na Rádio, ele logo fez escola, como testemunha o operador de áudio Antônio Carlos Lima: “Ele me ensinou muita coisa, foi um dos melhores professores que eu peguei” (Antônio Carlos Lima, depoimento concedido em 22/03/2008).

Lima, como é conhecido entre colegas e ouvintes, tinha 19 anos quando entrou para a equipe da emissora ainda em fase experimental, mas a Rádio já o fascinava desde a época em que trabalhava como contínuo da UFC. Atraído pela miríade de vinis e pelo contato pessoal com locutores que, antes, só conhecia pela voz, ele pediu transferência para lá. Inicialmente, exercia funções básicas, como limpar os discos.

Meu trabalho como operador começou assim: faltou um operador. Esse operador só vivia faltando, aí botaram ele pra fora. O Marcondes Rosa era muito cabeça quente, não tava de brincadeira, não. Quem tava de brincadeira ele botava pra fora. Aí, o Rodger disse: “Rapaz, vamos contratar gente da universidade mesmo”. Aí, eu disse: “Eu já tô mexendo aí!”. E fiquei mexendo, né? Trabalhando escondido. Aí, o sindicato disse que não podia. O Sindicato dos Radialistas, naquela época, era muito forte. Tinha que fazer um curso. Dentro da universidade mesmo, teve um curso pra operador e locutor, porque, antes, tinha uns locutores, também, que não eram registrados. Tinha o Luciano Kléber, o Franzé Rodrigues, que era estudante e tava entrando também. Faziam locução, mas não tinham registro ainda. A gente teve que fazer o registro. Aí, eu fiz seis meses de curso, aqui mesmo, na universidade, no [Auditório] Castello Branco. (Antônio Carlos Lima, depoimento concedido em 22/03/2008)

Além dos operadores de áudio, outros profissionais foram contratados para implantar o projeto. Locutores experientes como Almir Pedreira, Baman Vieira, Fernando Rodrigues e Everardo Sobreira, que também coordenava o núcleo de jornalismo da emissora, foram os primeiros a dar voz a boa parte dos programas, seguindo as concepções do diretor artístico Guilherme Netto, que ingressava na Rádio após ter trabalhado por muitos anos como diretor, produtor e até cantor em outras emissoras. Dóris Sampaio e Marta Lopes cuidavam da produção. Todos esses profissionais eram escolhidos a dedo, pois as contratações não foram muitas e também se deram em um contexto informal:

Não se tinham condições de trazer muitos profissionais. O Almir Pedreira e o Guilherme Netto foram contratados porque nós tínhamos uns cargos em comissão naquela época. Houve muita reação dentro da universidade porque eu tirei muita coisa

dos meios da administração. Por exemplo, esses cargos em comissão geralmente eram para departamentos administrativos e eu dei para a Rádio, exatamente pra conseguir trazer alguns profissionais competentes e experientes. (Paulo Elpídio de Menezes Neto, depoimento concedido em 24/03/2008)

Sem esquecer o conceito de extensão como diálogo com a sociedade e que “a programação do rádio define-se como o conjunto dos programas, mensagens, conteúdos através dos quais uma emissora busca construir sua identidade e estabelecer um diálogo com os ouvintes e com o meio social alcançado pelas suas transmissões” (LIMA, 2005, p. 26), procurou-se construir uma grade de programação que abrangesse várias esferas de interesse ao longo do horário de funcionamento da emissora, das 7h às 23h:

Tinha o Matinata, que era uma coisa de acordar, músicas suaves. A Rádio acho que entrava às 6h no ar, com o Matinata. Depois, o comentário do Marcondes – não tô lembrando se acompanhado de um noticiário. Depois, tinha o Reouvindo o Nordeste. Depois, tinha o Brasil em Todos os Tempos. Aí, sim, o noticiário do meio-dia, o jornal da Rádio, com crônicas e com comentários políticos. O Garganta escrevia uma crônica todo dia, sobre a cidade. O Pontes fazia o comentário político e o departamento de jornalismo produzia todo o noticiário, que ganhou prêmios muitos. (...) Aí, depois do noticiário, tinha um programa de música instrumental, chamado – no início, era Teclados Bem Temperados (...) e, depois, ele virou Cordas, Bandas e Metais, que era tipo depois do noticiário, 11h, meio-dia, até às 2h da tarde. Às 2h da tarde, começava um programa chamado É Preciso Cantar. E, depois do É Preciso Cantar, tinha acho que já o Pessoal do Ceará – não me lembro bem, não. E, aí, o Fim de Tarde, que toda vida teve. O Nelson [Augusto] criou a Programação do Ouvinte logo depois – no início, não tinha; esse era um horário acho que do noticiário. E, à noite, o programa diário era o Música Erudita. E não me lembro: aí, tinha, cada dia, um programa variado. (José Rômulo, depoimento concedido em 17/03/2008)

A multiplicidade de áreas de conhecimento que a UFC abrigava em seus departamentos mostrou-se imprescindível para a manutenção de tantos programas diferentes. Muitos professores se tornavam colaboradores e traziam para a emissora seus conhecimentos e interesses.

Uma vez, num encontro de rádios oficiais, a gente disse: “Nós temos um enorme corpo de produção, que seriam os professores da universidade”. E, realmente, os professores que se aproximaram da Rádio foram bem aceitos e foram explorados, de certa forma. (risos) Inclusive, com suas discotecas, que a Rádio não tinha discos. E a Rádio foi tocada muito inicialmente por conta de professores que toparam produzir programas, elaborar listas de músicas etc. (Rodger de Rogério, depoimento concedido em 24/03/2008)

Entre os colaboradores, estavam os professores do departamento de Física Dedé Evangelista, que também compôs músicas para o Pessoal do Ceará; Heliomar Abraão Maia; José Maurício de Oliveira Matos e o professor do curso de Medicina Artur Guedes, dramaturgo, poeta e cineasta, responsável, principalmente, pelo programa

Música Erudita, no qual dividia com os ouvintes seus conhecimentos sobre música clássica.

Uma leva de bolsistas, composta, em sua maioria, por estudantes do curso de Letras, também desempenhava papel importante na produção de diversos programas. Um deles era Nelson Augusto, aluno de Marcondes Rosa no curso de Letras. Nelson sempre fazia seus trabalhos sobre literatura relacionando os temas à música, de modo que o professor conhecia seu gosto pelo assunto quando o convidou para trabalhar na Rádio como bolsista. Ele passou, então, a acompanhar os programas que iam ao ar ainda na fase experimental da emissora e, quando esta foi inaugurada, ficou encarregado da produção de programas musicais, como o Brasil em Todos os Tempos, que traz uma seleção de músicas de artistas da MPB.

Eu produzia os programas musicais, os textos. Tinha um programa, que ainda existe, que é o Brasil em Todos os Tempos. A gente, na época, datilografava o roteiro, escolhia as músicas, as efemérides do dia. Era um programa muito legal, como é até hoje. Mas eu só fazia produção, às vezes algumas entrevistas: os artistas iam lá na Rádio e a gente fazia a entrevista. Aí, eu fazia o roteiro todo dia, né? Então, todo dia, no dia anterior, eu passava a tarde fazendo, pesquisando nos livros, datilografando e tal – em duas vias, porque tinha que ser uma pro locutor e uma pro operador. E, aí, o locutor começou a faltar. Faltava um dia, faltava outro, aí ficava aquele trabalho todo perdido, né? Porque só dava certo praquela dia, porque era o santo do dia e tal, as datas, as comemorações, as mortes dos artistas da música, os aniversários. (...) Aí, uma vez, eu falei isso e o Rodger disse assim: “Vá lá e faça!”. E eu disse: “Eu?” E ele: “Vá lá e faça!”. Aí, eu fiz, gravei o programa, fui ouvir... Primeiro programa, aquela coisa toda. Aí, na outra semana, o locutor faltou de novo, e o Rodger: “Vá lá e faça!” de novo. Aí, eu fui aperfeiçoando. Lá pra terceira ou quarta semana, quando ele faltava, eu achava ótimo, porque eu fazia, já tava com aquele pique. Aí, depois [disse para o locutor]: “Olhe, se você não quiser vir mais, deixe que eu faço tudo logo” (risos). (...) Então, quer dizer, eu fui ser locutor por acaso. Eu nunca quis ser locutor, eu sempre ficava nos bastidores, nas entrevistas, nos roteiros. E, por conta disso, eu agradeço esse locutor ter faltado. (Nelson Augusto, depoimento concedido em 15/03/2008)

O incentivo para se arriscar em outras funções e projetos pode ser visto como uma política da emissora em relação aos bolsistas. Muitos profissionais e colaboradores daquela época trabalhavam junto aos estudantes, para aprimorar as habilidades destes.

O empenho se traduzia em pioneirismo reconhecido até mesmo em âmbito nacional, como mostra o caso de José Rômulo. Contratado como bolsista, em 1982, para produzir um programa sobre o Centro de Ciências Agrárias da UFC, o então estudante de Agronomia permaneceu na Rádio mesmo depois da extinção dessa proposta inicial. Sua identificação com a música nordestina levou-o a colaborar com a produção do programa Reouvindo o Nordeste, que cabia a Rodger de Rogério. O diretor logo o

encarregou totalmente da produção, e José Rômulo reestruturou o programa, passando a baseá-lo em pesquisas e gravações que fazia pelo interior do estado, com artistas da terra.

À época, o governo havia implantado o Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa (Sinred), que interligava as rádios educativas de todo o país por meio do intercâmbio do material produzido em cada uma delas.

E, nessa história de troca de programas, eles gostaram. Tinha reuniões periódicas desse pessoal dessa rede e foi sugerido o Reouvindo pra participar da grade do Sinred. Então, o conselho mandatário resolveu que o Reouvindo ia pra grade, e o Reouvindo rodava todo dia nas rádios educativas do Brasil. Todo dia, tinha meia hora de Reouvindo nas rádios, e eu recebi muita resposta dessas emissões. Inclusive, eu tenho até uma carta de uma ouvinte paulista, que pede notícias sobre um artista que rolou no programa. (José Rômulo, depoimento concedido em 17/03/2008)

O reconhecimento nacional veio acompanhado de inovações na maneira de se fazer rádio, que seriam seguidas por outras emissoras do estado.

O problema na época era que rádio era só música. E outra coisa: só aquele negócio daquela musicazinha de lançamento, e os locutores dizendo a mesma coisa com aquela voz empostada. Então, nós mudamos. Depois, vieram rádios que pegaram o pessoal da Rádio Universitária, e nós começamos a expandir e fazer escola. (Marcondes Rosa de Sousa, depoimento concedido em 17/03/2008)

A Rádio prezava por “locutores que conversam”, como os chamava Marcondes Rosa, profissionais com vozes distintas e jeitos próprios de apresentar os programas, os quais, além de conteúdo musical eclético, traziam pesquisa, notícias e entrevistas, algo incomum nas FMs de então. A emissora também foi a primeira no Ceará a contratar uma voz feminina, a professora do departamento de Comunicação Social Erotilde Honório Silva, em 1982.

Com o final do reitorado de Paulo Elpídio, em 1983, Clóvis Catunda, Marcondes Rosa e Rodger de Rogério deixaram a diretoria da Rádio, que já então se transformara, nas palavras de José Rômulo, em uma emissora “modelo”.

Desde o início, a gente estava convicto de que a gente ia implantar a Rádio, mas que ela não seria “a terra dos diretores da Rádio”, que aquele não seria um feudo. Desde o início, a gente tinha esse pensamento, porque, na universidade, a gente criticava que tinha alguns feudos, nessa área de cultura principalmente. (...) A gente não queria que a Rádio fosse isso, não queria que a Rádio fosse mais um feudo. (Rodger de Rogério, depoimento concedido em 22/03/2008)

Nos anos seguintes, a Rádio vivenciaria diversos tipos de gestões, receberia novos profissionais e colheria os resultados do amadurecimento de alguns de seus primeiros bolsistas. Tudo parte de uma identidade institucional em permanente construção.

REFLEXÕES FINAIS

A história da Rádio Universitária se estende até os dias de hoje, com uma identidade institucional que se redefine e se preserva continuamente. O levantamento do qual resulta este artigo forneceu pistas para uma investigação que pretende percorrer esse processo de formação de identidade que já dura 26 anos. A articulação de identidades individuais e sua interação com o contexto sócio-histórico podem ser percebidas como dois dos elementos definidores da identidade institucional. As mudanças que tanto uma como a outra apresentam ao longo dos anos atestam a necessidade de estudar um período tão longo.

A abordagem escolhida, através da história oral, proporciona um enfoque tanto nas trajetórias individuais quanto no panorama político da época, na tentativa de depreender as motivações pessoais e o contexto social dos quais resultaram a fundação e os primeiros anos de atividade da Rádio Universitária, de 1981 a 1983.

Um traço marcante deste período foi o ingresso de diversos estudantes que, ao longo do tempo, construíram suas carreiras profissionais no interior da emissora e contribuíram para definir a identidade institucional. Alguns deles, como Franzé Rodrigues, Marta Aurélia, Leovigilda Bezerra, Nonato Lima, Sônia Leal, Fátima Leite, Lúcia Helena e Eleuda de Carvalho, não foram citados, mas também terão suas vivências relatadas nos próximos artigos.

Os testemunhos de Antônio Carlos Lima, Nelson Augusto e José Rômulo contidos aqui, no entanto, parecem comprovar a tese defendida por Pérez:

Quien la ha vivido [la radio] por dentro, quien se ha acercado a ella con algo más que curiosidad podrá atestiguar que, efectivamente, a la radio se llega por vocación y se permanece en ella en virtud de una llamada intangible que lejos de limitarse a una mera actividad laboral reclama una correspondencia apasionada. La vida del comunicador radiofónico exige unas cualidades específicas que, no obstante, son siempre insuficientes si no se afianzan sobre la vocación profesional. (PÉREZ, 15/03/2008, p. 1)

Foram dados os primeiros passos para compreender como a emissora trabalhou as potencialidades de seus bolsistas, através da análise dos relatos colhidos entre alguns deles. No entanto, só será possível aprofundar-se nesse aspecto após ouvir o restante de seus colegas, assim como os profissionais que com eles interagiram.

Uma faceta importante da atividade do comunicador radiofônico, o jornalismo, não foi explorada neste artigo, por ser digna de um trabalho em separado. Porém, é preciso ressaltar que a Rádio Universitária contava com um núcleo de jornalismo que trabalhava diariamente para informar o ouvinte, mesmo no contexto da ditadura militar.

Também se procurou delinear em que termos a radiodifusão educativa pode ser compreendida neste caso em particular, principalmente no que diz respeito ao seu papel na educação informal, que visa ampliar o repertório e os horizontes do ouvinte com uma programação diferenciada. A defesa dessa proposta também se mostrou essencial para definir os rumos da Rádio já em sua fundação.

De que maneira todos os elementos percebidos nessa fase inicial se farão presentes nos anos seguintes? Como eles interagirão com as situações surgidas em cada época? Esses e outros questionamentos, relativos a cada recorte específico, marcarão as próximas investigações.

REFERÊNCIAS

COSTA FILHO, Ismar Capistrano. **As rádios educativas nos conglomerados de mídias do sertão cearense**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/costa-filho-ismar-capistrano-radios-educativas.pdf>> Acesso em: 08/03/2008

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: PD&A, 2002.

LIMA, Francisca Almira Murta de. **Radiodifusão Educativa**: avaliação do projeto de educação não-formal desenvolvido pela Rádio Universitária FM da Universidade Federal do Ceará (UFC). 2005. Monografia (Especialização em Gestão Universitária). Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Universidade Federal do Ceará – UFC, 2002.

PENTEADO, Sílvia Teixeira de. **Identidade e poder na universidade**. Santos: Unisanta Editora, 1998.

PÉREZ, Arturo Merayo. **Didáctica de la comunicación radiofónica**. Disponível em:

< <http://bocc.ubi.pt/pag/merayo-arturo-didactica-comunicacion-radiofonica.pdf> > Acesso em: 15/03/2008

PÉREZ, Arturo Merayo. **Identidad, sentido y uso de la radio educativa**. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/merayo-arturo-radio-educativa.pdf>> Acesso em: 11/03/2008

UFC. **Seminário Geral**: Uma tentativa de administração solidária. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1981.